

APRENDIZAGEM EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O QUE O CORPO EM MOVIMENTO NA FEIRA E NO MERCADO DE MANAUS TEM A ENSINAR?

Érika da Silva Ramos¹
Artemis de Araújo Soares²
Felipe da Costa Negrão³
Amanda Ramos Mustafa⁴

RESUMO

Esta partilha é resultado de uma pesquisa realizada na feira Manaus Moderna e no Mercado Adolpho Lisboa, em Manaus (Amazonas), como vivência no componente curricular “Cultura Corporal dos Povos Tradicionais da Amazônia”, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em parceria multidisciplinar com o curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) por meio da matéria “Consciência Corporal”. O objetivo foi investigar as possibilidades de aprendizagem existentes nas habilidades corporais de trabalhadores/carregadores e da cultura laboral dos espaços não-formais citados. A condução metodológica respaldou-se na perspectiva epistemológica fenomenológica em torno da função dos trabalhadores (carregadores de mercadorias) em que os acadêmicos os observariam nos referentes locais. Por conseguinte, o estudo esteve embasado na abordagem qualitativa, por meio de pesquisa de campo utilizando-se da técnica de observação não-participante, contando com recursos de captação de imagem e som, além do diário de campo. Os principais resultados apontaram duas inferências uma é que a cada carregador na sua condução corporal abre um leque para variados objetos de estudos, como saúde, função, gênero, estética, entre outros, e que todo o carregador tem a possibilidade de aprender conteúdos de várias áreas das ciências, por vivência empírica, independente da classe social ou nível de estudo de cada um, as aprendizagens ocorrem sejam em níveis mais didático ou espontâneo e são repassadas culturalmente por gerações. A outra é a incontestável importância dos espaços não-formais à associação dos conceitos aprendidos nos marcos teóricos.

Palavras-chave: Aprendizagem, Corpo, Cultura.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)– AM, Mestre em Educação Especial da Universidade do Minho – PT, Professora do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - AM, profa.erika.ramos@gmail.com

²Doutora em Ciências do Desporto (Universidade do Porto); . Professora da Universidade Federal do Amazonas, artemissoares@yahoo.com.br;

³ Mestre em Educação em Ciências na Amazônia (UEA). Professor da Universidade Federal do Amazonas, felipe.unl@hotmail.com;

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)– AM Mestre em Letras e Artes (UEA). Professora da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas (SEDUC), mustafa.amanda@gmail.com.br;



INTRODUÇÃO

A aprendizagem pontuada nesta pesquisa é relacionada a possibilidade de os sujeitos carregadores de cargas, que trabalham na feira e no mercado da cidade, terem sobre seu próprio corpo e/ou adquirirem hábitos corpóreos, voluntários ou não, no decorrer de suas atividades laborais autônomas.

Entende-se que a função dos carregadores, os quais trabalham em rígido e pesado sistema de transporte de cargas é imprescindível para a continuidade do comércio na cidade, mas refletir sobre a organização corporal dos mesmos vai além de aspectos capitalistas e perpassa sim pela qualidade de vida e até direitos humanos destes sujeitos. Estes e outros pontos de vista serão aduzidos no decorrer da pesquisa que assim está organizada:

Nos tópicos do referencial teórico, primeiramente tem-se a apresentação sucinta sobre o conceito de aprendizagem no contexto geral, para em seguida enfatizar que ela pode ocorrer além do espaço formal (as escolas da educação básica ou universidades), sendo apresentados os espaços não formais “Feira da Manaus Moderna” e “Mercado Adolpho Lisboa” e a relação entre a possível aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades corporais dos carregadores destes espaços não-formais.

Após serem partilhados alguns resultados e discussões, com algumas considerações até o momento de fechamento desta investigação espera-se que a temática explorada seja contributiva aos que tem a corporeidade, povo e cultura manauara como objeto de estudo.

METODOLOGIA

A metodologia respaldou-se na perspectiva fenomenológica, pois foi observado o comportamento e habilidades corporais de trabalhadore, e inferida a possível aquisição da aprendizagem e desenvolvimento de hábitos corporais destes indivíduos diante dos seus desafios laborais. Isto posto, este trabalho foi embasado em abordagem qualitativa a qual é definida por Minayo (2013) e Triviños (2013) como um estudo que identifica e analisa dados não mensuráveis, tais como sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos, dentre outros, de um indivíduo ou grupo de pessoas. Procedimentalmente realizou-se uma pesquisa de campo, na Feira da Manaus



Moderna e no mercado “Adolpho Lisboa”, junto à técnica de observação não-participante classificada por Minayo (2013, p. 70) como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica, sem, contudo interferir no cotidiano observado. Nesta situação, remeteu-se ainda o direcionamento de método antropológico de investigação, sendo as informações analisadas partindo do eixo habilidade corporal e cultura local.

Logo, foram realizadas cinco visitas em cada local, sendo a primeira para fazer o reconhecimento da estrutura física e estruturar horários, ações e sujeitos observados. Nas demais, foram coletados os dados, com anotações minuciosas, fotografias, filmagens de vários trabalhadores, enquanto personagens anônimos, sendo as informações posteriormente passadas ao diário de campo. Explicita-se que não aplicou-se entrevista, uma vez que a pesquisa deu-se diretamente sobre a observação do fenômeno ocorrido (a possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades corporais de sujeitos carregadores) nos locais citados. Após coletados os dados e transcritos individualmente os registros, os acadêmicos envolvidos reuniram-se e foram orientados grupalmente em discussões de embasamento fenomenológico sobre o que fora percebido ante ao ato complexo e singular da aprendizagem no contexto de espaço não-formal.

REFERENCIAL TEÓRICO

Aprendizagem

Desde que nasce, qualquer pessoa, aprende primeiramente a reconhecer seu corpo e funções (desde as instintivas as controláveis), para aprender a usar este corpo para sobreviver no ambiente externo ao útero materno, paralelo a isto se aprende a linguagem (verbal e não-verbal), a distinção de pessoas, as regras culturais e a educação formal. Mesmo após a aquisição da educação formal, a aprendizagem contínua em desenho cíclico, pois ela acompanha do início ao final da existência vital.

A aprendizagem é um fenômeno flexível, não formatada em apenas um tipo, sendo os principais tipos: por condicionamento simples, por condicionamento operante, por ensaio-erro, por imitação, por insight e por raciocínio (BRAGHIROLI, 2007).

De acordo com Fonseca (2007), o processo de aprendizagem ou estágios de desenvolvimento das operações intelectuais do sujeito é gradativo, em que as estruturas formam-se por meio de degraus de equilíbrio, ou seja, as estruturas intelectuais vão se



tornando complexas conforme elas aprendem lições simples estarão aptas para aprenderem conteúdos mais densos.

O ambiente de feiras abertas e mercados são espaços propícios para aprendizagem de experiências práticas, elas podem fomentar mais conexões nervosas do que informações obtidas por transmissão de terceiros ou meios comunicacionais. Vale ainda esclarecer que nem todas as pessoas aprendem com o mesmo nível de tempo e profundidade, cada indivíduo aprende coisas novas atribuindo-lhes significados ou valores diferentes de acordo com sua história pessoal e a cultura a qual vive, de acordo também de como são conduzidos para o ato da aprendizagem.

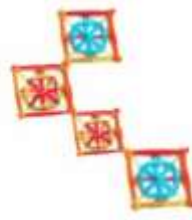
Tendo em vista o reconhecimento de espaços não formais como meio de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades corporais, no próximo tópico serão abordados os conceitos deste tipo de espaço e de suas viabilidades para a aprendizagem em um contexto geral.

Aprendizagem em espaços não formais

Os espaços não formais de educação caracterizam-se, segundo Jacobucci (2008) como aqueles espaços extraescolares, que possibilitam uma prática educativa. Para Gohn (2006) nesta prática educativa, ocorrem de vários processos cognitivos, e cita: consciência e organização de grupo; construção e reconstrução de concepções; sentimento de identidade; formação para a vida; resgate do sentimento de valorização de si próprio; os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Segundo Bezerra, Colares Junior e Fachín-Terán (2013, p. 2), a educação desenvolvida nestes espaços “vem rompendo com o paradigma do ensino somente voltado para a sala de aula”. Explicam eles que, transpor o espaço da escola, possibilita aos alunos, olhares para o mundo, visto que, em que muitos deles, só o conhecem “através de figuras, imagens, leituras e vídeos, não menos importantes, mas que limitam os processos cognitivos do aluno [...]” (2013, p. 2).

Explicitam estes pesquisadores que as aprendizagens construídas em ambientes extraescolares, objetivam uma nova formação de práticas metodológicas que ultrapassem o enquadramento de uma educação que apenas se desenvolve em sala de aula. Tendo assim sido esclarecido o conceito de espaço não-formal reporta-se agora a descrição dos dois locais centralizadores deste estudo.



Feira Manaus Moderna e Mercado Municipal Adolfo Lisboa

O mercado Municipal Adolfo Lisboa, [Figura 1], localizado às margens do Rio Negro, no centro histórico da cidade de Manaus, foi inaugurado nos anos 1883 durante o período áureo do Ciclo da Borracha no Amazonas, cujo leite gomífero extraído da seringueira, *Hevea Brasiliensis*, era também conhecido por “ouro branco”.

Sua característica arquitetônica, o remete ao mercado de Les Halles, um famoso mercado em Paris, na França, com pavilhões em alvenaria e ferro fundido, ladeado por vitrais coloridos. Com forte influência de construções europeias, cujo efeito visual é um suave ecletismo, destacam-se o arco do pavilhão frontal, os gradis de ferro e os motivos florais.

Composto por 182 permissionários, distribuídos em 64 boxes no pavilhão central, 20 no pavilhão dos peixes, 22 no pavilhão das carnes, 24 no pavilhão dos hortifrutigranjeiros, duas praças de alimentação com 11 boxes cada uma conecta o pavilhão principal aos das carnes e dos peixes, 2 bomboniéres, 2 restaurantes na estrutura superior do pavilhão frontal com acesso por escada ou elevador, além dos pavilhões Pará e Amazonas. E no pavilhão central, se vende artesanatos regionais, confeccionados com reaproveitamento de sementes, escamas de peixes, sobras de madeiras, as essências regionais e os xaropes produzidos com ervas medicinais.

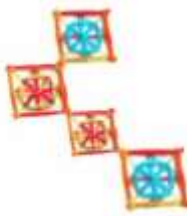
Quanto a Feira Manaus Moderna [Figura 2], localiza-se em uma área de aterro criado na década de 1980. Conforme dados históricos, o empreendimento foi planejado entre o fim da Rua Marquês de Santa Cruz e Rua dos Andradas. Ressalta-se que antes do aterramento, os vendedores trabalhavam diretamente nas canoas que ancoravam naquela orla do rio.



Figura 1 - Mercado Municipal de Manaus
Fonte: Amazonas Atual (2015)



Figura 2 - Feira Manaus Moderna
Fonte: Glbimg (2016)



Atualmente, a feira Manaus Moderna é considerada um dos centros de abastecimento de suma importância para a capital amazonense, possui 700 permissionários cadastrados e, ao todo, emprega mais de cinco mil trabalhadores entre carregadores e feirantes que vivem destas atividades, de forma direta e indireta.

Vale expor que existe uma gênese com a feira Manaus Moderna com a Feira da Banana, porque quando o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, não comportava comercialização de produtos vindos do interior do estado do Amazonas, devido ao emergente crescimento da cadeia produtiva, comerciantes tiveram iniciativa de montar uma feira paralela nas proximidades do referido mercado, e ficou conhecida por Feira da Banana, porém, sem muita estrutura inicial. Tempos depois, por solicitação do poder público, ocorreram intervenções e se construiu uma cobertura para área, promovendo adequadas condições de trabalho para os comerciantes e conforto aos compradores.

Ao averiguar a amplitude de materiais dispostos nesses locais, nem sempre atenta-se para como eles inseriram-se aos espaços e tornam-se acessíveis para feirantes e compradores destes, isto posto, começa-se a expor a imprescindível função dos carregadores de mercadorias e a forma como aprendem habilidades para otimizarem sua potência e função no ato de locomoção das cargas. Muitos desses produtos vem de municípios distantes de Manaus e chegam ou por caminhões ou por embarcações, sendo necessário o recurso humano para não só descarregar como conduzir as cargas para dentro dos postos dos vendedores, de forma que estes homens fazem percursos em caminhos inóspitos, sobem e descem escadas e rampas íngremes em demasia, adentram à beira do rio, atravessam a rua onde existe fluxo contínuo de trânsito, sob chuva ou sob sol, no intuito de arriar e levantar as mercadorias dum ponto a outro.

Pelo fato de as cargas serem perecíveis ou frágeis demandam atenção e preservação no ato da locomoção, e isto implica diretamente na habilidade corporal que os carregadores devem ter para. No caso, a necessidade de receberem adequadamente pelo serviço prestado aos feirantes, faz a aprendizagem acontecer de modo natural, em que a cada experiência vivida por seus corpos enquanto carregadores e pensantes geram aprendizados sobre formas e precisões motoras (como marcha, agachamento, aplicação de forças, controle de peso, agilidade, coordenação, entre outras funções interligadas as habilidades do corpo).



As aprendizagens das habilidades corporais podem ocorrer nos ambientes já citados seja por imitação de comportamentos corporais, em que um carregador copia o modo de ação doutro, ou por processo de consciência corporal intrapessoal, em que ele percebe seu corpo e tem dimensão sobre como melhor reagir de acordo com a quantidade, volume e forma das mercadorias que carrega. Sobre este processo o tópico seguinte se propõe a apresentar.

Aprendizagem e desenvolvimento de habilidades corporais em espaços não-formais

Explicitado o conceito de aprendizagem e ratificado que a mesma pode ocorrer em espaços não-formais, remete-se agora o corpo e sua plasticidade de aprendiz enquanto participante de atividades laboral que exige emprego de habilidades motoras diversas, no caso carregar e transportar mercadorias com o uso do próprio corpo, para tanto, é conveniente dar ênfase ao corpo e como o mesmo é visto/usado/sentido na atual conjuntura social.

Como explica Le Breton (2003) o corpo é uma estrutura simbólica, onde o consagram como um emblema em si, em que seu dono é convidado a construí-lo, conservá-lo em forma, modelá-lo na aparência, enrustir sua fragilidade e envelhecimento. O corpo passou a ser um motivo de apresentação para si, em que a relação do indivíduo com ele mesmo passa a existir por um domínio de si. É pelo corpo que o homem é julgado classificado e estereotipado. Eis a lógica do desejo de alterá-lo. “O corpo é o suporte da geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras” (LE BRETON, 2003, p.28).

Muda-se o corpo para que ele possa servir, para aceitar, para se adaptar, para produzir, e neste último é que configura-se o olhar sobre o homem que age carregando as mercadorias na feira e mercado de Manaus. No sentido de mudar o corpo, na função de carregar, os homens carecem adquirir hábitos corporais que nem sempre são os mais saudáveis para a manutenção de sua saúde, contudo, são mais rentáveis para sua profissão.

Alguns dos carregadores aprendem movimentos corporais que os ajudam a melhor conduzir suas cargas observando e imitando o modelos de outros trabalhadores mais experientes que eles, outros aprendem de jeito intrapessoal após seguidas práticas de



ensaio-e-erro, fato é: o corpo tem de se adaptar e ser forte para conseguir ser produtivo e este é o corpo do capital e da sobrevivência.

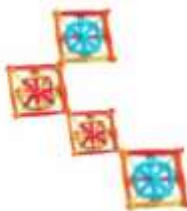
A visão sobre o corpo erige-se conjuntamente à cultura, vale expor o conceito de cultura que aqui pauta-se em Geertz (2008), o qual expõe que a cultura é pública porque o significado o é de mesmo modo, partindo de um prisma semiótico, afirma que “...Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade (2008, p.10). E ao falar sobre o marco conceitual que defende, ele aduz:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (2008, p.4).

Entende-se que em qualquer sociedade existem valores culturais que se refletem no pensamento e nas imagens dos homens, direcionando suas ações, por isso, devido à cultura na qual está inserido o trabalhador referido muitas vezes chega ao espaço de trabalho e dispõe de algumas funções e habilidades primárias, no decorrer de sua maturidade e exercícios de sua função, obtém outras habilidades que foram apreendidas e desenvolvidas pelas exigências de sua permanência no quadro de carregadores locais, ou seja, ele troca suas habilidades corporais apropriadas para “carregar” em troca de pagamentos para se manter.

A questão do corpo na sociedade capitalista está profundamente marcada pela cultura de valorização do corpo enquanto individualidade, autonomia, liberdade, mas ao mesmo tempo produto cultural, como menciona Trasferetti: “Para resgatar a dignidade do corpo é preciso retomar o conceito de posse ontológica e pertença, pois ambos colocam o corpo em sua possibilidade ética de existir num mundo de direitos e deveres” (2008, p.3).

Logo, devido à cultura e necessidade implícita na mesma para que os sujeitos carregadores obtenham a continuidade de seu trabalho, seus corpos moldam habilidades, aprendem as que desconheciam, aprimoram as que já tinham, sendo estas contributivas para manutenção física (já que são de alto impacto como as realizadas em academias)



como também prejudiciais quando realizadas em excesso, sem proteção, sem noções de ergonomia, e técnicas de segurança do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a observação do cotidiano laboral dos carregadores da feira Manaus Moderna e Mercado “Adolpho Lisboa” realizada acerca de inúmeros carregadores que trabalham em regime informal e/ou autônomo averiguou-se que comumente eles conduzem corporalmente, tanto cargas de peso leve quanto as que exigem força humana excessiva.

Os materiais transportados por tais trabalhadores variam de frutas, móveis e eletrodomésticos, materiais de construção, estivas em geral, a objetos pessoais como malas de viajantes que atravessam o porto fluvial ou que as encaminham a outros municípios. E destaca-se que enquanto suportam a carga das mercadorias, os trajetos nem sempre deram-se somente dentro dos dois espaços citados e sim aos arredores do mesmo, uma vez que em os carregadores tem de pegar as mercadorias da orla ou das ruas adjacentes, retirando-as dos barcos ou caminhões para dentro dos locais, sendo a descarga realizada repetidas vezes conforme a quantidade dos produtos.

Leva-se em consideração a ampla distinção das cargas/mercadorias/produtos locomovidos, pois o aspecto geográfico em que os dois locais da pesquisa estão sediados, é às margens do rio e conseqüentemente nas mediações do porto de Manaus, cujo é um dos maiores pontos de embarque e desembarque da cidade, por conseguinte, muitos produtos regionais adentram ao porto para abastecerem o comércio local.

As condições de trabalho dos sujeitos observados demonstraram-se precárias, os locais em si não possuem sem rampas estruturadas e muito menos elevadores, os pisos acidentados, além de o ambiente ser insalubre em alguns aspectos, além disso, durante sua locomoção, enquanto estão com peso sobre si, concorrem em meio a fluxo intermitente de pedestres, animais que transitam pelas ruas e clientes dos pontos comerciais.

Em meio ao cotidiano bastante corrido, que comumente começa de madrugada e não tem hora para término (pois varia de acordo com a quantidade de cargas que chegam) os mesmos trabalhadores são denominados pelo senso comum pelo composto de “homens formiga”, porque suportam cargas demasiadamente além de seu próprio peso corporal e



pontua-se que não foram identificados com frequência a utilização de equipamento de proteção à citar: capacetes, luvas, cinta ergonômica abdominal, botas, óculos, entre outros, o que denota o quão o corpo e suas habilidades estão enraigados enquanto meios de produção.

Dentro de um mundo que quer produzir e apoiar-se sobre aparências de forte, a transformação do corpo em objeto é algo imprescindível, desde épocas passadas os homens se davam como mercadorias em troca do salário que o grupo capitalista lhes oferecia. “... Hoje na sociedade humana o que se pretende fazer é criar um processo destruidor do sentido real do corpo, que é então reduzido a um simples objeto que consome e é consumido” (TRASFERETTI, 2008, p.8).

Fato este que por ser culturalmente repetido e em algumas instancias aviltadoras, pode ser repensado cientificamente para que políticas públicas sejam cumpridas no que tange a desigualdade social e direitos de equidade nas leis trabalhistas anelando dignidade e qualidade de vida como um direito de todos os corpos, por isso a necessidade de se fazer trabalhos de observação em campo, para desde a graduação instigar o pensamento sobre legitimização de valores humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conjunto de informações percebeu-se que muitas aprendizagens e desenvolvimento de habilidades corporais podem ocorrer nos espaços “Feira Manaus Moderna” e “Mercado Adolpho Lisboa”, nos indivíduos que trabalham fazendo deslocamento de cargas com o uso de seus próprios corpos. Viu-se que isto ocorre pois na sua profissão, autônoma, por sinal eles tem de recorrer a funcionalidade, agilidade e domínio do corpo em contexto holístico para permanecerem na ativa e receberem ônus por isso.

O fenômeno que gerou reflexão no decorrer de todo este estudo foi o fato de que na busca de não perder mercadoria, os carregadores criam couraças corporais, hábitos insalubres e movimentações agressivas, com cargas excessivas às suas estruturas ósseas e músculo-esqueléticas. Paradoxalmente, as cargas são mantidas, porém é grande a estimativa de que tais hábitos gerem patologias ocasionadas pela sobrecarga de trabalho corporal ou ainda pelo desconhecimento e/ou respeito aos limites do corpo.



Não é, portanto, finalidade deste estudo julgar a intenção ou ausência de esclarecimentos dos carregadores sobre como manterem-se saudáveis no ambiente de trabalho, pois compreende-se que muitas vezes suas jornadas são a maneira pela qual sustentam suas famílias. Todavia, há de se convir que a qualidade de vida dos mesmos poderia ser otimizada se tivessem acesso aos conhecimentos sobre a manutenção e preservação da estrutura corporal e da saúde, tão implementadas pelas ciências. Além disso, a baixa estrutura física em torno dos locais citados e escassez ou mesmo a falta de equipamentos de proteção corporal, corroboram para que o corpo seja aviltado e exposto a lesões diariamente.

Logo, as práticas observadas retrataram que o sujeito aprende agir, possui e está em um corpo que segue padrões culturais e poderes sociais que direcionam muitas vezes sua ação corporal, ao passo que comportamentos e habilidades corporais apreendidas, nem sempre são questionadas e sim reproduzidas, onde questionar as questões como saúde, qualidade, ergonomia implicadas ao bem-estar do sujeitos, dificilmente tem voz, pois perder tempo, em local onde carrega-se ininterrompidamente mercadorias é perder o sustento financeiro, estando o corpo como meio de trabalho, por vezes ignorado em seus diálogos.

Para finalizar e encarar a indagação proposta no título deste estudo sobre o que o corpo e a cultura laboral na feira e no mercado de Manaus tem a ensinar, percebe-se que cada sujeito observado por meio de sua condução corporal laboral abre um leque de variedades para objetos de estudos, pois ao lidar com a estrutura corpórea aparecem termos como saúde, função, gênero, estética, entre outros que por sua vez estarão diretamente ligados a uma cultura, e esta por sua vez jamais pode ser negligenciada. Neste trabalho especificamente viu-se que todo o carregador atuante na feira ou mercado tem a possibilidade de aprender conteúdos de várias áreas das ciências, e isto se dá principalmente pela vivência empírica, e independente da classe social ou nível de estudo de cada um, as aprendizagens ocorrem, sejam em níveis mais didático ou espontâneo, repassados culturalmente de geração à geração.

Deste modo, tiram-se também como considerações finais em relação a atividade acadêmica, em parceria com as duas universidades citadas, no resumo deste trabalho, que tais tipos de ações de caráter *in loco* possuem um diferencial imprescindível para que discentes (de graduação ou *strictu sensu*) associem os conceitos aprendidos nos marcos



teóricos comparando-os enquanto aplicáveis ou não na realidade cultural investigada, haja vista que transitar fora do espaço universitário oferta uma aprendizagem ímpar estimulando a criticidade dos observadores e a maturidade quanto ao treinamento da percepção e capacidade de elaborações de inferências ante ao cenário observados e desafios apreendidos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Alberto de Souza; LACERDA JUNIOR, José Cavalcante; TERÁN, Augusto Fachín. **A praça como espaço não formal para a alfabetização ecológica.** In: III SIMPÓSIO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA. *Anais*. Manaus: UEA, 2013. p.1-11.

BRAGHIROLI, Elaine Maria (et.al). **Psicologia geral.** 27.ed. Porto Alegre: Vozes, 2007.

FONSECA, Vítor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem:** abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Aprender a reaprender:** a educabilidade cognitiva do século XXI. Salesiana, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:** aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

JACOBUCCI, Daniela. F. Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão,** Uberlândia, V.7, 2008, p. 55-66.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papiros. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TRASFERETTI, José. **Corpo e Cultura:** no contexto da sociedade brasileira. In: Comunicação & Informação. v. 11, n. 1: p. 126-137 - jan./jun. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013